



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE BIOLOGIA E QUÍMICA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LAISE RAIANA LIMA COSTA

**UMA PERCEPÇÃO DE INCLUSÃO ESCOLAR PARA ALUNOS SURDOS, EM
UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE CUITÉ**

CUITÉ-PB

2018

LAISE RAIANA LIMA COSTA

UMA PERCEPÇÃO DE INCLUSÃO ESCOLAR PARA ALUNOS SURDOS, EM
UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE CUITÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Ciências Biológicas na
Universidade Federal de Campina Grande,
para obtenção do título de Licenciado em
Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. José Tiago Ferreira Belo

CUITÉ-PB

2018

UFMG/BIBLIOTECA

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE

Responsabilidade Rosana Amâncio Pereira – CRB 15 –791

C837u Costa, Laise Raiana Lima.

Uma percepção de inclusão escolar para alunos surdos, em uma escola no município de Cuité. / Laise Raiana Lima Costa. – Cuité: CES, 2018.

47 fl.

Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2018.

Orientador: José Tiago Ferreira Belo.

1. Deficiência. 2. Ensino-Aprendizagem. 3. LIBRAS. I.
Título.

Biblioteca do CES – UFCG

CDU 376

LAISE RAIANA LIMA COSTA

UMA PERCPÇÃO DE INCLUSÃO ESCOLAR PARA ALUNOS SURDOS, EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE CUITÉ

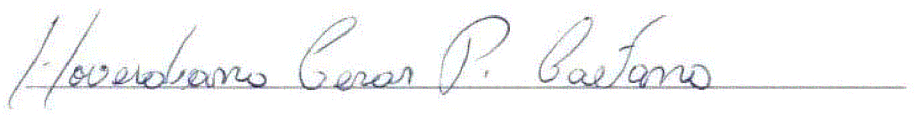
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Unidade Acadêmica de Biologia e Química (UABQ) do Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* Cuité, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Aprovada em 04/12/18


BANCA EXAMINADORA



Orientador – Prof. Msc. José Tiago-Ferreira Belo (UFCG)



Membro examinador – Esp. Hoverdiano César Pereira Castro (UFCG)



Membro examinador – Dr. Márcio Frazão Chaves (UFCG)

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, me guiando, socorrendo presente na hora da angústia e aflições, me mostravam que era necessário levantar e seguir em frente, pois ele estava comigo para me dá o sustento necessário.

O que era um sonho, virou realidade... Foram anos batalhando e ao refletir sobre esse tempo vejo quão grande foram os desafios, muitas noites em claro, agoniada achando que não ira da certo mas no final tudo deu certo. Sai do convívio social com meus amigos e familiares por um certo tempo, onde o CES me transformou em outra pessoa, e sem contar que além das mudanças acadêmicas, veio meu filho, nascia uma criança no meio do curso, assim nascia também uma mãe e a certeza que precisaria de forças para continuar a minha jornada, onde ele nunca foi um empecilho pelo contrário onde encontrava forças para continuar minha jornada. Por falar em Mãe agradeço essa mulher tão importante, que me incentivou a chegar até aqui... Mãe essa conquista dedico inteiramente a você.

Ao professor e orientador Msc. José Tiago Ferreira Belo, por ter despertado essa paixão pela LIBRAS, me motivando a essa conquista e por ter aceitado esse desafio a tal responsabilidade e por ter desempenhado a função com competência e responsabilidade, aproveito para pedir também desculpas pelos aperreios causados, você foi primordial para que esse passo importante em minha vida viesse a ser concretizado. Não podendo de agradeço ao intérprete Rodolfo Carvalho Cavalcanti por ser mediador que contribuiu do começo ao fim desse trabalho, sem esquecer da banca examinatória por estarem presente.

A todos os professores pelos quais passei em toda essa trajetória de aprendizagem, sou muito grata pela contribuição para que eu pudesse crescer intelectualmente e para alcançar uma graduação com sucesso.

Agradeço a minha família que sempre me incentivou e apoiou, especial a minha segunda mãe-madrinha Antônia, aos meus amigos que são muito para citar o nome de todos, mas em especial a prima-irmã Renally Moura por esta sempre me apoiando, por ter seguido junto comigo nessa caminhada, por ter me tranquilizado durante as grandes tempestades emocionais, pelas palavras de incentivo e apoio além de todo amor para comigo.

Por fim a todos aqueles que direta ou indiretamente ficaram na torcida, que acreditaram desde o início de que eu iria alcançar tamanho objetivo, que fizeram/fazem parte da minha formação tanto como aluna e como profissional, ao que torcem por mim sempre.

EXPRESSO MEUS AGRADECIMENTOS A TODOS DE CORAÇÃO.

RESUMO

Ser surdo em uma sociedade de ouvintes é um desafio imenso. Nos trilhos da história vemos uma busca incansável por direitos, cheia de dificuldades e algumas glórias. No Brasil uma das primeiras conquistas foi a criação de uma escola, ainda no reinado de D. Pedro II, tendo avanços significativos desde então. Neste sentido, buscando dialogar sobre a inclusão de surdos no ambiente de ensino-aprendizagem foi desenvolvida esta pesquisa. Consta neste trabalho uma pesquisa bibliográfica e empírica. A pesquisa bibliográfica foi realizada para conhecer a história e avanços da cultura e identidade surda bem como a inclusão no ambiente educacional e as dificuldades enfrentadas por esta classe. A pesquisa empírica foi realizada para conhecer a realidade de um surdo inserido no ambiente escolar regular no ensino médio do ponto de vista dos docentes e colegas de classe, contando com a presença de um intérprete para auxílio nas atividades. Ao final foi observado que a maioria das dificuldades é superada com a presença do profissional intérprete, que auxilia nas atividades na sala de aula e fora dela. De acordo com a pesquisa o convívio com os colegas e as atividades em grupo acontecem de maneira satisfatória, uma vez que há no ambiente em questão respeito mútuo.

Palavras chave: Deficiência, ensino-aprendizagem, LIBRAS.

ABSTRACT

Being deaf in a society of listeners is a huge challenge. In the tracks of history we see a tireless search for rights, full of difficulties and some glories. In Brazil one of the earliest achievements was the creation of a school, still in the reign of D. Pedro II, with significant progress since then. In this sense, seeking to discuss the inclusion of deaf people in the teaching-learning environment, this research was developed. This work is a bibliographical and empirical research. The bibliographic research was carried out to know the history and advances of the culture and deaf identity as well as the inclusion in the educational environment and the difficulties faced by this class. The empirical research was conducted to know the reality of a deaf person inserted in the regular school environment in high school from the point of view of teachers and classmates, with the presence of an interpreter to assist in the activities. At the end it was observed that most of the difficulties are overcome with the presence of the professional interpreter, who assists in the activities in the classroom and outside. According to the research, living with colleagues and group activities happens in a satisfactory way, since there is mutual respect in the environment in question.

Key words: Disability, teaching-learning, LIBRAS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
JUSTIFICATIVA	12
CAPÍTULO 1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	14
1.1 DEFICIÊNCIA AUDITIVA.....	18
1.2 LEGISLAÇÃO	20
CAPÍTULO 2. IDENTIDADE/CULTURA SURDA.....	23
2.1 IMPORTÂNCIA DA LIBRAS	25
2.2 INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR	25
2.3 POSSÍVEIS DIFICULDADES DE INCLUSÃO	27
CAPÍTULO 3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO MUNICÍPIO DE CUITÉ.....	28
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.2 RESULTADOS	30
3.2.1 Análise dos Questionários dos Docentes	30
3.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERENCIAL	39
ANEXO A. ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES	41
ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS ALUNOS	44
ANEXO C – TERMO DE COMPROMISSO PARA PROFESSORES	46
ANEXO D – TERMO DE COMPROMISSO ESTUDANTES.....	47

INTRODUÇÃO

Atualmente as discussões sobre a questão inclusiva de PcD (Pessoas com deficiência) no mundo globalizado é algo bastante corriqueiro. Comumente nos deparamos com práticas e ações que visam incluir de forma igualitária essas pessoas na sociedade, na educação isso não se faz diferente, como é de praxe temos que fazer valer os ideais de que a educação é um direito de todos. Desta forma, não importa se a deficiência é física ou intelectual, se há fragilidade financeira ou diferenças étnicas, a escola ideal é aquela onde o espaço de todos é devidamente respeitado de forma igualitária.

No Brasil a escola regular, aquela que acolhe a todos os alunos, ainda não possui condições adequadas e suficientes para atender aqueles que de alguma forma ainda possuem barreiras que impedem, atrasam ou incapacitam o seu desenvolvimento intelectual e educacional. Assim se faz necessário que na sua forma estrutural a escola passe a ser algo além de um mero espaço de aprendizagem da leitura e escrita, é necessário que a mesma oportunize espaços e melhores condições para que crianças e/ou adolescentes com necessidades especiais tenham acesso igualitário a tudo aquilo que a educação tem a oferecer.

Vale salientar que a inclusão de alunos com deficiência está pautada nos seguintes documentos: Constituição Federal (1988); a Declaração de Salamanca, a qual foi estabelecida em 1994 que tornou-se parte do movimento da educação inclusiva; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEM (Lei nº 9694/96) e também de acordo com o Plano Nacional da Educação (2014) que tem vigência entre 2014 e 2020.

A educação inclusiva trata sobre a educação especial no que diz respeito ao debate e desenvolvimento de ações educacionais voltadas para pessoas com Necessidades Educativas Especiais (NEE) na rede regular de ensino. É através desta que surgem as escolas inclusivas dentro da escola comum. “A escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas” (ROPOLI et al. 2010, p. 09).

É de conhecimento comum que várias transformações e melhorias vêm ocorrendo no decorrer da história, mas nossas instituições escolares ainda permanecem enfrentando inúmeras dificuldades, principalmente no que diz respeito à educação inclusiva por ser um movimento historicamente recente. Segundo Barbosa

“Ainda assim, a inclusão é um movimento historicamente recente, não havendo consenso sobre se e como ela deva acontecer. Ainda, a discussão sobre a prática da educação inclusiva revela que o campo enfrenta dilemas, muitas questões suscitando acaloradas discussões, em função da coexistência de diversos paradigmas na forma de conceber a educação de pessoas com necessidades especiais particularmente dos surdos” (BARBOSA; AMORIM, 2008).

Dentro do contexto de pessoas com necessidades especiais, neste trabalho faremos um recorte diretamente relacionado à inclusão de pessoas surdas no ambiente de ensino e aprendizagem. Sabe-se que para existir aquisição de conhecimentos faz-se necessária uma relação de compreensão dos mesmos de forma crítica e complexa. Assim uma pessoa surda, sem acompanhamento adequado, tem dificuldades ao se deparar com métodos tradicionais de ensino, em contrapartida os educadores sem o preparo adequado também não conseguirão fazer valer as relações de ensino e aprendizagem para esses educandos. Diante disto, é comum surgirem questionamentos e nos depararmos com uma realidade totalmente diferente vivida pelos educandos com deficiência auditiva no contexto do ensino e aprendizagem de ciências biológicas. Para os discentes surdos, essas, às vezes, tornam-se maiores, e acabam, em determinados casos, encerrando precocemente sua carreira estudantil.

Nesta perspectiva surgiu a motivação de conhecer a realidade do ensino incluso para alunos surdos em escolas regulares. Buscando assim compreender a percepção do mundo surdo, da política educacional de inclusão, da cultura surda, da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, conhecer a comunicação e interação dos surdos com os ouvintes.

Uma pessoa surda pode ter grandes dificuldades para se comunicar com familiares distantes e com a comunidade ouvinte. Neste contexto, muitas pessoas que têm relacionamento com surdos tendem a buscar novos conhecimentos para que realmente exista comunicação, um grande exemplo disso é a crescente procura pelo curso de LIBRAS. A LIBRAS foi oficializada e reconhecida como a língua de sinais da comunidade surda em âmbito nacional (Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002), sendo assim, garantindo a sua difusão por parte do poder público em geral e das concessionárias de serviços públicos.

Observando especificamente o ensino de ciências biológicas mais dificuldades são evidenciadas, principalmente pela falta de preparo de professores que, muitas vezes, não se

preocupam em adequar suas aulas e metodologias. Devendo esses lembrar que o aluno surdo recebe informação através da visão em uma modalidade espaço-visual, diferenciada da modalidade dos ouvintes que é por meio da oral-auditiva (RESENDE, 2010). Logo, metodologias que envolvam e tenham foco no visual são necessárias nas aulas de ciências biológicas.

Por fim, o presente trabalho desenvolve uma experiência na área de **educação de surdos** no campo da inclusão escolar, cujo objetivo é compreender como ocorre a inclusão de alunos surdos nas escolas, verificando a eficácia das metodologias adotadas pelo professor com alunos com problemas auditivos, buscando efetivamente incluí-los no contexto escolar.

Para tanto o presente trabalho será dividido em três capítulos, em primeiro lugar faremos um belo passeio pela história da educação inclusiva no Brasil e no mundo, dando um enfoque maior a inclusão de alunos surdos e as leis que permeiam e permitem que isso de fato ocorra, em seguida trataremos sobre a identidade surda e a cultura surda, neste capítulo a ênfase será para a LIBRAS e para os processos de inclusão e exclusão no mundo atual e, por fim trataremos da educação inclusiva em Cuité-PB, onde mostraremos tudo o que vem sendo feito nesse município para que realmente exista uma educação que inclua e que liberte os educandos dos dogmas, traumas e mazelas que impedem uma educação qualitativa e de forma igualitária para todos, ou seja, uma educação que vise a inclusão e não a exclusão, aqui também faremos o tratamento de uma pesquisa realizada numa escola da rede estadual de ensino deste município intitulada Escola Estadual Cidadã Integral Técnica Jornalista José Itamar da Rocha Cândido (ECIT), a qual possui alunos surdos, nossa pesquisa visa conhecer como é o dia a dia desses alunos e quais as relações de ensino e aprendizagem existentes, como também as relações de interação entre alunos e professores, vale salientar que para melhor compreender e aplicar os resultados dessa pesquisa iremos dialogar com alguns dos maiores nomes do passado e da atualidade quando trata-se de surdez e educação inclusiva, afins de fazer valer a construção continuada e dialogada de novos saberes que permeiem o campo da inclusão para alunos surdos, visando assim, melhorar a vida e as relações sociais desses indivíduos.

JUSTIFICATIVA

A realização da presente pesquisa justifica-se pelo simples fato da necessidade de um diálogo mais apurado sobre a inclusão dos alunos surdos nos ambientes de ensino e aprendizagem numa esfera global, sociocultural e local. Assim, na busca por um ensino digno, igual e qualitativo no município de Cuité, sentimo-nos motivados a procurar soluções para este que é um grande problema do mundo contemporâneo. Vale salientar também que a escolha do tema em questão foi proveniente da disciplina de LIBRAS, inserida na matriz curricular do curso de licenciatura em Ciências Biológicas pela UFCG – Campus Cuité, a partir do ano de 2016. Ao deparar-me com a língua brasileira de sinais, sentiu-me desafiada a buscar conhecer um pouco mais do universo surdo e suas interações com a sociedade.

No mundo contemporâneo, onde a globalização acaba engolindo e alienando o pensamento social, percebemos que a ideia de incluir é vista com maus olhos por uma minoria controladora e monopolizadora do poder, as massas tornam-se reflexos daquilo que absorvem das mídias, sejam elas, físicas ou sociais. O pensamento crítico e cidadão com um olhar mais claro e objetivo para a integração e inclusão de todos num ambiente mais justo e igualitário é algo cada vez mais escasso, desta forma as pessoas com algum tipo de deficiência acabam sendo engolidas pelo mundo que as rodeia. Muitas acabam se isolando e se fechando para a realidade, dificultando assim ainda mais as ideias de educação inclusiva. Paralelamente a esta realidade percebemos também que nosso país ainda está engatinhando no que diz respeito às ideias de educação inclusiva propriamente ditas. Para tanto a presente pesquisa busca ao menos dialogar com autores e pensadores sociais e com isso formar possíveis teorias e metodologias que de alguma forma venham interferir de forma produtiva com a educação inclusiva para os surdos no município de Cuité-PB.

Ao tratar da educação inclusiva para alunos surdos notamos que existe ainda uma grande aversão por parte dos educadores, os mesmos não sentem-se capacitados para absorver estes educandos em sala de aulas, sua preparação na maioria dos casos é mínima, restringindo-se apenas a disciplina de LIBRAS durante a graduação. Assim, o medo de ser taxado como incapaz pela sociedade acadêmica a qual pertence o inibe e o faz sentir aversão à ideia de inclusão de surdos em sua sala regular. Este tabu deve ser quebrado e neste trabalho buscaremos meios de reverter e transformar este pensamento arcaico e infracional, pois assim como cita Emmanuelle Laborrit em seu **“o vôo da gaivota”**.

A gaivota cresceu e voa com suas próprias asas. Olho do mesmo modo como poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilíngues. Ofereço-lhes minha diferença. Meu coração não é surdo a nada neste duplo mundo. (LABORRIT, Emmanuelle, *o vôo da gaivota*, 2014).

Nesta citação percebemos a que autora mostra o mundo aos olhos de um deficiente auditivo, identificamos seus medos e seus anseios, mas também percebemos a vontade de crescer, aprender e inserir-se de forma produtiva e igualitária no mundo que o cerca. Este deve ser o pensamento também utilizado pelas escolas, educandos e educadores no que tange o ideal de educação inclusiva, os medos e anseios devem ser superados, para isso faz necessário um árduo trabalho em equipe onde todos os envolvidos se ajudam e se aceitam com suas individualidades e particularidades. Assim, imbuídos de um sentimento de aceitação e cooperativismo, onde a diferença física, mental ou social não afeta a realidade e o meio educacional, iremos juntos construir um mundo igualitário e justo, um mundo onde todos se aceitam e se reconhecem pelo seu espírito social, por suas ações, reações e atitudes, sempre voltando-se para o trabalho em equipe e para a busca de um bem comum para todos.

Em Cuité, observa-se ainda uma grande resistência por parte não só da escola, mas da sociedade em geral, tanto para o convívio quanto para a educação escolar de alunos surdos, cremos que são vários os fatores que permeiam essa forma de agir e de tratar esses indivíduos, talvez o principal e mais grave seja a falta de esclarecimento social por parte da população local no que diz respeito a surdez, suas causas e consequências e também sobre a educação inclusiva e LIBRAS, assim, este trabalho também visa servir de ponte e mecanismo para futuras intervenções e práticas voltadas para um melhor preparo social para a aceitação do surdo e também de outros deficientes dentro das escolas regulares como também nas sociedades, fazendo-os serem vistos como iguais e/ou semelhantes e não como anormais e insociáveis.

CAPÍTULO 1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Assim, como todo e qualquer cidadão possuidor de uma deficiência física, ou intelectual, o surdo ainda nos dias atuais, num mundo tão desenvolvido e globalizado, possui sérios problemas de adaptação e convivência social, isso desde o seu leito familiar, passando pela escola e culminando na sociedade como um todo. Salienta-se que essa dificuldade não é algo proeminente da sociedade moderna, ela vem arrastando-se e enraizando no seio da humanidade desde os primórdios da vida humana na terra.

Desde os primórdios da humanidade a maioria dos povos antigos tratavam os deficientes como estranhos, diferentes e indignos, seres que não mereciam fazer parte da sociedade, seres impuros, e por esses motivos deveriam ser exterminados o mais rápido possível, há relatos que na Grécia antiga, grandes sábios como Platão e Aristóteles em seus livros “A República e a Política”, eram coniventes com o extermínio de crianças deficientes, atirando-as do alto de montanhas ou as abandonando a sorte em vasilhas de argila no meio do nada. Essa prática era tão comum que um dos autores supracitados nos fala o seguinte: “A República, Livro IV - Pegarão então os filhos dos homens superiores, e levá-los-ão para o aprisco, para junto de amas que moram à parte num bairro da cidade; os dos homens inferiores, e qualquer dos outros que seja disforme, escondê-los-ão num lugar interdito e oculto, como convém.” (GUGEL, 2007, p. 63).

Nesta citação podemos notar que mesmo entre os gregos além do desdenho e desapego para com os deficientes existia também a clara divisão por classes sociais, onde os filhos daqueles bem afortunados ainda teriam uma chance de sobreviver, mesmo que isolados dos seus parentes e da sociedade considerada pura e perfeita, enquanto que os filhos dos mais humildes eram na maioria dos casos abandonados.

Sabemos também que o mundo Grego era formado por diferentes cidades estados, cada uma com suas leis e formas de governo próprias, assim, o tratamento para com os deficientes também era algo bastante diversificado, em Esparta por exemplo, ao nascerem as crianças deveriam ser apresentadas ao conselho da cidade e caso estes notassem algo diferente imediatamente os pais eram instruídos a jogá-las de um abismo chamado **Ápothetai**, essas crianças eram consideradas sub-humanas e portanto, não seriam uteis para a sociedade espartana.

“Se lhes parecia feia, disforme e franzina, como refere, Plutarco, esses mesmos anciãos, em nome do Estado e da linhagem de famílias que representavam, ficavam com a criança. Tomavam-na logo a seguir e a levavam a um local chamado Ápothetai, que significa depósito. Tratava-se de um abismo situado na cadeia de montanhas Tahgetos, perto de Esparta, onde a criança era lançada e encontraria a morte, pois, tinham a opinião de que não era bom nem para a criança nem para a república que ela vivesse, visto como desde o nascimento não se mostrava bem constituída para ser forte sã e rija durante toda a vida.” (Silva, 1986, p. 122).

Em Roma era permitido aos pais matarem os filhos deficientes por afogamento, na Idade Média as pessoas com deficiência eram tidas como possuídas pelo demônio e eram mortas por tortura ou queimados em fogueiras. Só na Idade Moderna, e a passos de tartaruga, graças principalmente as ideias iluministas e pelo humanismo o pensamento social com relação aos deficientes começa a se transformar, a exemplo temos que em meio ao século XVI o médico e matemático italiano Gerolamo Cardano, inventou um código para ensinar pessoas surdas a ler e a escrever por meio de sinais, contrariando com isso o pensamento da sociedade de sua época, que acreditava que os surdos eram incapazes de serem educados.

Este homem abre o precedente para as diversas tentativas de inclusão do surdo na sociedade, O monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1510-1584), na Espanha, estabeleceu a primeira escola para surdos em um monastério de Valladolid, Ponce de Leon usava como metodologia a dactilologia, escrita e oralização. Mais tarde ele criou escola para professores de surdos. Porém ele não publicou nada em sua vida e depois de sua morte o seu método caiu no esquecimento porque a tradição na época era de guardar segredos sobre os métodos de educação de surdos.

Na Espanha temos Juan Pablo Bonet (1579-1623) ele visava o exercício da fala e o uso de alfabeto dactilologia, teve tanto sucesso que foi nomeado pelo rei Henrique IV como “Marquês de Frenzo”. Bonet publicou o primeiro livro sobre a educação de surdos em que expunha o seu método oral, **“Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos”** no ano de 1620 em Madrid, Espanha. Bonet defendia também o ensino precoce de alfabeto manual aos surdos.

Johan Conrad Ammon (1669-1724), médico suíço desenvolveu e publicou no ano de 1700 método pedagógico da fala e da leitura labial: “Surdus Laquens”.

Uma pessoa muito conhecida na história de educação dos surdos, é o abade francês

Charles Michel de L'Épée (1712-1789) conheceu duas irmãs gêmeas surdas que se comunicavam através de gestos, iniciou e manteve contato com os surdos carentes e humildes que perambulavam pela cidade de Paris, procurando aprender seu meio de comunicação e levar a efeito os primeiros estudos sérios sobre a língua de sinais. Procurou instruir os surdos em sua própria casa, com as combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada denominado de “Sinais metódicos”. L'Épée recebeu muita crítica pelo seu trabalho, principalmente dos educadores oralistas, entre eles, o Samuel Heinicke.

L'Épée fundou a primeira escola pública para os surdos “Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris” e treinou inúmeros professores para surdos. O abade Charles Michel de L'Épée publicou sobre o ensino dos surdos e mudos por meio de sinais metódicos: “A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos”, o abade colocou as regras sintáticas e também o alfabeto manual inventado pelo Pablo Bonnet e esta obra foi mais tarde completada com a teoria pelo abade Roch-Ambroise Sicard.

Seguindo nossa linha temporal chegamos aos EUA no ano de 1814 onde, Em Hartford, o reverendo Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) ao se comover com a exclusão social vivenciada por Alice uma menina surda que não era aceita pelas demais crianças da região, parte para a Europa em busca de métodos para ensinar a surdos, primeiro ele vai a Inglaterra mais não é aceito pelos professores que mantêm seus métodos em segredo, assim parte para a França onde foi bem acolhido e impressionou-se com o método de língua de sinais usado pelo abade Sicard. Thomas Hopkins Gallaudet volta à América trazendo o professor surdo Laurent Clerc, melhor aluno do “Instituto Nacional para Surdos Mudos”, de Paris. Durante a travessia de 52 dias na viagem de volta ao Estados Unidos, Clerc ensinou a língua de sinais para Gallaudet que por sua vez lhe ensinou o inglês. Thomas H. Gallaudet, junto com Clerc fundou em Hartford, 15 de abril, a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos, “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas”. Com o sucesso imediato da escola levou à abertura de outras escolas de surdos pelos Estados Unidos, quase todos os professores de surdos já eram usuários fluentes em língua de sinais e muitos eram surdos também.

Saindo dos demais locais do globo e partindo para o Brasil, temos que em 1855 D Pedro II dá os primeiros passos para a educação de surdos nessas terras, ele convida o professor surdo Eduardo Huet, com experiência de mestrado e cursos em Paris, para abrir uma escola para pessoas surdas, isso ocorre no ano de 1857, e no Rio é fundado o “Imperial

Instituto dos Surdos-Mudos”, hoje, “Instituto Nacional de Educação de Surdos” – INES, criada pela Lei nº 939 no dia 26 de setembro. Foi nesta escola que surgiu, da mistura da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Dezembro do mesmo ano, o Eduardo Huet apresentou ao grupo de pessoas na presença do imperador D. Pedro II os resultados de seu trabalho causando boa impressão.

Os anos se passam e muitos métodos e maneiras são criados, utilizados e abandonados na tentativa da inclusão dos surdos nos sistemas de ensino e aprendizagem, mas, talvez o mais duro golpe, mesmo que numa estrada de avanços e retrocessos para a educação de surdos foi o Congresso de Milão em 1880, ali a língua de sinais foi proibida em definitivo para o ensino de surdos, com a justificativa de que distraia a capacidade de falar dos surdos e os tornava preguiçosos. Então a partir deste congresso ficou definido que o método mais eficaz era o método oral e de leitura labial, após esse fato o mundo surdo entra em meio a um retrocesso de quase 100 anos, uma época de estagnação e de poucos incentivos a inclusão desses indivíduos dentro da educação e conseqüentemente dentro da sociedade.

Em 1994 a União das Nações Unidas sanciona a Declaração de Salamanca, esse documento é visto como um marco na retomada dos ideais de educação inclusiva e igualitária para todos, nela estão contidos parâmetros, mecanismos e ferramentas que permeiam reverberam as práticas inclusivas nos ambientes de ensino e aprendizagem. No Brasil temos como documentos fundamentais para garantir o direito dos surdos a lei de Libras Nº 10436 de 2002 e o decreto 5.625 de 2015, estes documentos garantem a atuação da comunidade surda em todo país na luta por um mundo mais igualitário.

A lei supracitada reconhece a ideia de que os surdos precisam ser incluídos na educação e vê a LIBRAS como meio oficial de comunicação para o povo surdo, assim a mesma deve ser amplamente divulgada e aprendida, no intuito de formar-se uma população mais esclarecida e preparada para lidar e entender o mundo surdo e suas particularidades. Já o decreto, trata da formação de professores capacitados a interagir com os educandos surdos e para isso apresenta a inclusão da LIBRAS no currículo escolar para a formação de professores.

Mas vale salientar que mesmo com todas essas leis e mecanismos que comentam e buscam a inserção dos surdos na sociedade tida como perfeita, os mesmos ainda vivem isolados, a margem da sociedade, sempre sendo vistos como incompletos, incapazes e coitadinhos, dignos

de pena, isso é algo preocupante, pois acaba por isolar mais ainda o surdo em seu mundinho, fechando-se para o convívio social e conseqüentemente para uma educação inclusiva que visa prepara-lo para a vida social.

Para entendermos um pouco melhor sobre o mundo surdo, no ponto seguinte dessa pesquisa trataremos sobre as definições de deficiência auditiva e buscaremos mostrar o quão importante é o diagnostico precoce da mesma, para que a criança possa disfrutar desde cedo de um aprendizado inclusivo voltado para seu desenvolvimento intelectual e pessoal.

1.1 DEFICIENCIA AUDITIVA

No intuito de melhor conhecermos e evidenciar de fato o que é surdez e/ou deficiência auditiva, aqui trataremos de explicar o real significado dessas designações, não apenas num contexto biológico, mas também numa visão cultural e ampla que nos ajudará a compreender de forma sucinta o mundo dos surdos e sua cultura.

Para Bisol e Valentini (2011), a diferença entre surdez e deficiência auditiva depende da perspectiva de análise que está sendo utilizada. Consideram que na perspectiva orgânica, ambos os termos podem ser utilizados para referir-se a qualquer tipo de perda auditiva, seja ela de grau leve, moderado, severo ou profundo. No entanto, frisam que não apenas existe a perspectiva orgânica, mas que uma segunda compreensão de surdez está presente. De acordo com essa segunda, os surdos seriam pessoas que não se consideram deficientes, que valorizam todo o contexto de sua história e utilizam a língua de sinais e uma pedagogia própria para educar crianças surdas. Sendo os deficientes auditivos aqueles que não se adéquam a outra cultura e a comunidade surda.

Aqui fica claro que as questões relacionadas a surdez e deficiência auditivas, são bem mais complexas do que parecem, carecendo assim, uma ampla pesquisa análise e reflexão a respeito, de modo que só assim seremos capazes de formular verdadeiros conceitos e diagnósticos sobre o tema em questão.

Num caráter biológico temos que deficiência auditiva é a perda bilateral, parcial ou total, de 41 decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500 Hz, 1.000

Hz, 2.000 Hz e 3.000 Hz. Já para Apumdia (2011) diz que, deficiência auditiva é a perda de audição tanto parcial quanto total, que venha a ser causada por fatores genéticos ou lesões no aparelho auditivo.

Em linhas gerais a sociedade pouco conhece sobre os surdos e infelizmente nega-se a tentar conhecer e reconhecer sua existência como cidadão comum presente e atuante no meio social, o que vemos comumente são diversificadas formas de minimizar e menosprezar o deficiente auditivo, alguns trata-os como coitadinhos, pessoas indefesas e incapazes que são dignos de pena e são incapazes de conviver na sociedade, outros os tratam como leprosos, seres que devem ser isolados e que não se deve interagir e conviver socialmente, pois segundo os que pensam dessa maneira, os surdos são incapazes de aprender e assim, tornando-se ineficazes para a sociedade, é corriqueiro também os diversos estereótipos e preconceitos realizados para com esses indivíduos, sendo que tudo isso resume-se apenas em três palavras; “falta de conhecimento”.

A ausência auditiva, seja parcial ou total, é denominada surdez, que pode acontecer por causas congênitas, quando a pessoa já nasce com a deficiência, ou adquirida ao longo da vida, por uma predisposição genética, ou outra patologia. A audição é o sentido responsável por captar as informações sonoras graves e agudo, alto ou baixo, que nos rodeiam, sejam eles sons de palavras, músicas, ou rugidos.

De acordo com (MARQUES, 2009, p.20) é preciso refletir sobre a possibilidade de (re)pensar a pessoa surda não como incapaz ou deficiente, mas alguém que entende, percebe e interage com o mundo de uma forma diferente, uma vez que a surdez não é uma patologia, mas uma condição de ser.

Para tanto devemos sim refletir, reorganizar e repensar nossas formas de agir e interagir com pessoas surdas, pois pela nossa plena falta de conhecimento e por nosso pensamento duramente preconceituoso nós acabamos por excluir socialmente inúmeros cidadãos que só precisam de um pequeno empurrão para mostrar o quão especiais e importantes são para a sociedade como um todo.

Muitos surdos foram excluídos somente porque não falavam o que mostra que, para os ouvintes, o problema maior não era a surdez propriamente dita, mas sim a falta da fala. Daquela época até hoje, ainda muitos ouvintes confundem a habilidade de falar com voz com a inteligência desta pessoa, embora a palavra “fala” esteja etimologicamente ligada ao verbo pensamento/ação e não no simples fato de emitir sons articulados. (FELIPE, 2007, p. 130)

Como todos sabemos, o convívio social exige que estejamos sempre preparado para a aceitação do novo e para a substituição dos velhos dogmas e costumes, mas, infelizmente boa parte da população ainda se fecha para esse tipo de pensamento, preferindo ainda, viver sobre regras preestabelecidas, dogmas e doutrinas que excluem ao invés de incluir, que julgam como errado ou diferente ao invés de aceitar e acolher, desta forma, infelizmente a sociedade tente ao regresso, a cultura surda bate a nossa porta, a Libras está aí para evidenciar a sua comunicação, a comunidade surda quer se fazer ouvir e cabe então a nós aceitar, aprender e abraçar fraternalmente todos os que antes eram vistos como diferentes, afinal, não importa a deficiência física, a etnia racial, a classe social ou até mesmo a religião seguida, o que realmente importa é que o mundo tem que definitivamente abrir os olhos e perceber é que somos seres humanos e devemos nos tratar igualitariamente independente de qualquer situação, assim, visando compreender e mostrar os meios e ferramentas que legalmente garantem esse tratamento igualitário, na próxima parte dessa pesquisa partiremos para um estudo das leis e decretos que regem a educação para surdos no Brasil e no mundo.

1.2 LEGISLAÇÃO

Desde a educação infantil a Educação Especial é estabelecida por Lei. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RNCEI), as pessoas que apresentam necessidades especiais representam cerca de 10% da população brasileira (RNCEI, p. 35). O ensino infantil deve incluir crianças especiais no ensino regular, pois o convívio com a diversidade contribui para o desenvolvimento intelectual.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.394/96 (LDB), cap. V, assegura e regulamenta a Educação Especial, deixando bem claro que o sistema educacional público tem o dever de incluir as crianças com deficiência.

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II- terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Direito a transporte, cultura e lazer também são garantidos pelo Estado, pois, estas também contribuem para o desenvolvimento destes indivíduos. A saúde é a parte mais delicada, porém também é direito de todos e dever do Estado previsto no artigo 196 da Constituição Federal. Além da Lei Federal 7.853/89 garantir tratamento adequado em estabelecimentos de saúde públicos e privados específicos para as patologias que estas crianças podem possuir. Por fim,

há outros direitos, dentre esses o acesso ao transporte gratuito, se for comprovadamente carente, segundo a lei federal 8.899/94.

Quando os estudantes com necessidades especiais estão devidamente inseridos no sistema educacional regular, o professor deve refletir sobre as condições de aprendizagem oferecidas e ajustar suas práticas às necessidades colocadas pelo aluno.

Ainda segundo o RNCEI, “a realidade brasileira, de uma forma geral, exige que se busquem alternativas para a integração, de maneira a garantir-lhe uma convivência participativa” (RNCEI, p.36), restando à escola atendimento adequado e promoção da integração social, por meio da educação inclusiva.

Todos esses conceitos são avanços notáveis na educação brasileira, garantindo os valores básicos da igualdade de tratamento e oportunidade, da justiça social, do respeito à dignidade da pessoa humana, do bem-estar, dentre outros.

Em seu artigo segundo a Lei 7853/89 evidencia que:

“Ao Poder Público e seus órgãos cabe assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico”.

Dadas diretrizes para a Educação Especial, precisa-se que haja esforço da comunidade escolar, bem como das esferas superiores, para que os direitos garantidos legalmente às pessoas com deficiência sejam de fato concedidos e aplicados.

CAPÍTULO 2.

IDENTIDADE/CULTURA SURDA

Ao nos referirmos às questões de identidade, é comum que surjam diversas perguntas como; O que é identidade? Existe identidade surda? E se existe, qual a diferença para aquela dos não surdos?

Para respondermos a estas perguntas, primeiro temos que entender que conceitualmente segundo os dicionários de língua portuguesa, identidade é aquilo que comprova que alguém é a pessoa que realmente diz ser. Assim ao nos referirmos à identidade surda Perlin (1998) nos diz que são cinco os tipos de identidade:

Identidade flutuante: na qual o surdo se espelha na representação hegemonia do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte; Identidade inconformada: na qual o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, hegemônica, e se sente numa identidade subalterna; Identidade de transição: na o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para comunicação visual centralizada – o surdo passa por um conflito cultural; Identidade híbrida: reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e se ensurdecaram e terão presentes as duas línguas; Identidade surda: na qual ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver suas experiências na língua de sinais. Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os vêem capazes como sujeitos culturais. (PORTAL EDUCAÇÃO, entre 2015 e 2018)

Podemos observar que o autor nos apresenta a diversificados pensamentos e atitudes de pessoas surdas dentro da sociedade, cada identidade vai crescer e se fortalecer de acordo com suas relações sociais e culturais, observamos também que a identidade surda propriamente dita é aquela onde o indivíduo aceita sua condição e busca na língua de sinais uma ferramenta de comunicação com o mundo ouvinte, fazendo-se ouvir em meio ao silêncio e provando sua total capacidade de agir e interagir na sociedade.

Assim podemos afirmar que no Brasil exista uma identidade surda do povo brasileiro, isto não quer dizer, em hipótese alguma, que está identidade se equipare totalmente ou venha a divergir da identidade surda dos demais sujeitos presentes no mundo. Nota-se que cada povo

possui suas crenças e costumes, dessa forma podemos observar que o surdo brasileiro, por exemplo, irá ver o mundo e formar seus conceitos diferentemente do surdo de qualquer outro país no globo terrestre.

Com relação a cultura surda comumente nos perguntamos se ela realmente existe, pois caso exista como ela ocorre? Nas festas surdas será que há música? Nas conversas surdas, será que realmente existe compreensão? Estas e várias outras perguntas infelizmente ainda reverberam no imaginário popular dos cidadãos ouvintes, pois estes não são capazes de perceber que o simples fato de não ouvir não torna um cidadão sem cultura, este cidadão mesmo não ouvindo o mundo que o rodeia faz-se presente no mesmo e à sua maneira absorve tudo aquilo que está ao seu redor.

Segundo Strobel,

“Para a comunidade ouvinte o nascimento de uma criança surda é uma catástrofe pois estão acostumados com o padrão “normalizador” para integrar a vida social e também desconhecem o mundo dos surdos”. Por outro lado, na maioria das vezes, o povo surdo acolhe o nascimento de cada criança surda como um dádiva preciosa.” (STROBEL, 2001. p. 23)

O autor nos apresenta a gigantesca diferença de pensamento entre ouvintes e surdos, enquanto os primeiros se entristecem e em muitos casos abominam o nascimento de uma criança surda pelo simples fato desta não se enquadrar nos padrões sociais impostos pela cultura vigente na comunidade ouvinte, os surdos a acolhem, aceitam e a preparam desde pequenas para viver em meio ao mundo tão cruel e desigual para aqueles que nascem sem o dom da audição, percebemos assim uma cultura surda de caráter familiar e acolhedor aberta ao novo e incapaz de hostilizar o cidadão por suas deficiências e até mesmo atitudes.

Nota-se que existe uma grande diferença entre comunidade surda e a cultura surda. Dentro das comunidades é comum a existência de surdos e ouvintes, coexistindo e interagindo na busca da construção de saberes e de interação social. Já com relação a cultura surda, dela participa apenas surdos, que partilham os mesmos pensamentos, interesses e crenças, sendo estes verdadeiros membros pertencentes ao povo surdo.

2.1 IMPORTÂNCIA DA LIBRAS

A língua gestual é universal, entretanto um gesto pode apresentar diferentes significados em diferentes países, diferentes regiões ou estados ou mesmo em comunidades distintas, visto que muitas vezes o surdo desenvolve uma língua própria com as pessoas de seu convívio.

Para unificar e criar uma língua própria, brasileira, foi sancionada em abril de 2002, a Lei nº 10.436 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, que é entendida como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2012).

Em seu artigo quarto, a Lei 10.436/2002 estabelece que o sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais. (BRASIL, 2012)

A LIBRAS tem caráter explicitamente comunicativo, garantindo o surdo sua própria língua inserindo-o de fato na sociedade, contribuindo para a valorização e enriquecimento de sua cultura. Por meio de língua própria torna-se possível interagir de forma melhorada e convencional com outros surdos e com ouvintes, além de permitir o ensino e propagação nas diferentes regiões do país.

Assim, tendo em vista as razões supracitadas, nota-se que a LIBRAS é sim de fundamental importância para a construção de uma identidade sociocultural voltada para os preceitos de inclusão, onde os cidadãos tornam-se autores de suas próprias histórias e coautores da história daqueles que de alguma forma necessitam de apoio, físico ou intelectual, visando sempre os processos formativos e inclusivos, para que então possamos enfim, dar um passo à frente nos processos de construção de uma sociedade realmente digna e igualitária.

2.2 INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR

Por mais complicado que seja, a inclusão do aluno surdo no ensino regular faz-se necessária e é de suma importância, a mesma deve ser realizada o mais breve possível, pois o quanto antes

estes sujeitos forem expostos a educação regular, mais rápido irão acostumar-se e buscar formas de entender o mundo que os rodeia.

Mas infelizmente no Brasil mesmo existindo a necessidade, esta inclusão não acontece ou não se dá de maneira a realmente inserir o educando no ensino regular, muitas vezes pela falta de estrutura física das instituições de ensino e também pela falta de profissionais capacitados para atender os alunos com deficiência auditiva.

Para Thoma e Hillelshim (2011), a educação inclusiva passa a ser o meio mais conveniente de modificar os comportamentos no sentido da produção de indivíduos apropriados ao Estado. O Estado passa então a atuar por meio de políticas públicas de domesticação (THOMA; HILLESHIM, 2011. p. 103). Os organizadores deste livro nos mostram que a educação inclusiva é a chave para a construção de uma sociedade sem preconceito, mas para que ela realmente exista faz-se necessário o total empenho de todos os sujeitos envolvidos no ambiente de ensino-aprendizagem

Vivemos em meio a um mundo globalizado que constantemente transforma-se e busca absorver tudo o que as sociedades oferecem de maneira igualitária e sempre trabalhando de forma a exterminar o preconceito, seja ele racial, físico, financeiro, social e/ou cultural. Como afirma Pinto (1999) “não se pode mais controlar pela simples exclusão, pela pura sanção negativa, instalou-se o regime dos saberes, da inclusão” (PINTO, 1999. p.38), O autor nos apresenta a realidade do mundo contemporâneo, nos dias atuais não cabem mais as arcaicas ideias do medievo e do mundo moderno onde a principal forma de controle dava-se através do medo, da segregação e da exclusão social. Os autores dos saberes contemporâneos não aceitam de forma alguma essas formas arcaicas de dominação, atualmente as sociedades buscam desesperadamente formas e mecanismos de incluir e interagir com pessoas deficientes, inclusive com os surdos, seu mundo e sua cultura

A educação inclusiva portanto surge como um paradigma transformador do homem, neste contexto ele deixará de ser visto apenas como um artefato e passa a construir as bases e alicerces que irão fomentar o mundo no qual cada sociedade irá se inserir dentro de um contexto histórico e cultural.

2.3 POSSÍVEIS DIFICULDADES DE INCLUSÃO

A educação inclusiva é um tema muito debatido atualmente, visto que a inserção de alunos com deficiência no ambiente escolar é garantido por lei. No tocante à realidade escolar, surge certo receio, visto que na educação infantil, nos setores públicos, comumente pode acontecer de alguns professores não terem formação acadêmica necessária para o cargo, ou ainda não terem formação para educação especial.

A estrutura física também é um fator de suma importância, o ambiente para uma aprendizagem sólida deve fornecer segurança, conforto, apoio emocional e pessoal e ainda o material didático específico, que quando presente, fornecem possibilidades significativas de melhoramento das condições da prática docente.

Apesar dos grandes avanços decorrentes da difusão da sua cultura e identidade, os surdos do Brasil ainda encontram grandes dificuldades para imersão na sociedade ouvinte. Um dos principais problemas enfrentados é a falta de intérpretes, dado que ao se deparar com situações rotineiras de entrevistas, palestras, auditorias, etc, a falta do profissional dificulta a comunicação e portanto a convivência, gerando transtornos e até mesmo preconceito.

Realizar atividades relativamente simples se torna um desafio imenso, tanto para o ouvinte quanto para o surdo que com ele interage. Ao fazer uma consulta médica uma paciente relata:

“Às vezes, as palavras do médico são muito técnicas, e isso fica muito confuso. Tenho de explicar para o médico que eu consigo ler, ele tem de escrever para mim. Ele pode passar um remédio que eu tenha algum tipo de alergia, eu tenho de ter bastante atenção. Uma atenção sempre redobrada quando eu vou ao hospital e principalmente nesse âmbito da saúde” (PORTAL BRASIL, 2016)

De acordo com o relato podemos perceber que simples tarefas se tornam um imenso desafio a ser superado. Este é apenas um exemplo da vivência diária de um surdo, inserido num mundo ouvinte despreparado para recebê-lo.

CAPÍTULO 3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO MUNICÍPIO DE CUITÉ

Ao observar os meios e aplicações de métodos de educação inclusiva no município de Cuité-PB, mais especificamente na Escola Cidadã Integral Técnica Jornalista José Itamar da Rocha Cândido, pudemos comprovar que na instituição já existe a presença de profissional especializado em LIBRAS, isto facilita imensamente as interações entre alunos surdos, professores e os demais indivíduos que fazem a comunidade escolar. Observa-se também que graças a este fato há motivação por parte do alunado para aprender esta nova língua, visto que estão em constante contato na sala de aula onde o intérprete atua como mediador e facilitador da comunicação entre todos os envolvidos no ambiente de ensino-aprendizagem.

Vale salientar que infelizmente nas demais escolas do município ainda é precária essa modalidade de ensino, tendo em vista que a ECIT é uma escola modelo de educação integral para o estado da Paraíba, assim, as ações aplicadas nesta instituição infelizmente ainda não se estendem para as demais escolas do município, principalmente quando nos referimos às escolas da zona rural, observa-se que quanto mais distante da cidade mais difícil torna-se a comunicação e a aquisição de técnicas, ferramentas, métodos e mecanismos por parte de professores e até mesmo das instituições de ensino no que desrespeito à educação para surdos. Skliar apud Lopes (2007) destaca que:

Os estudos surdos em educação podem ser pensados como um território de investigação educacional e de preposições políticas que, através de um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação – e não uma aproximação – com o conhecimento e com os discursos sobre a surdez e o mundo dos surdos. (SKLIAR apud LOPES, 2007. P. 23)

Como o autor nos apresenta os estudos em educação para surdos devem sim partir de um caráter investigativo e educacional, para que assim, possamos nos concentrar em buscar soluções para atender às demandas educacionais voltadas para a inclusão de alunos surdos na educação regular deste município.

Com a proximidade da Universidade Federal de Campina Grande – Centro de Educação e Saúde (UFCG – CES), Cuité dá um grande salto rumo a uma educação de caráter amplo e acolhedor para os educandos surdos, pois neste campus existe a disciplina de LIBRAS na grade curricular das licenciaturas em educação, assim Cuité absorve profissionais que ao menos já estão familiarizados com este tipo de ensino, esta familiarização também serve de estímulo para que os educadores busquem cada vez mais aperfeiçoar-se no assunto em questão, melhorando sua atuação e interação para com alunos surdos inseridos na escola regular. A exemplo disso temos na própria universidade um professor surdo com titulação de mestre lecionando e apaixonando os graduandos pelo curso de LIBRAS, trata-se do professor Ms. José Tiago Ferreira Belo, que graças ao seu empenho e força de vontade mesmo dentro de um mundo cheio de adversidades detém o título de professor universitário federal.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na formação do licenciando é necessário conhecer todo o público a quem será direcionada profissão, e conhecer todo o público e suas diferenças, ainda na fase de formação, contribui de forma significativa, uma vez que na prática os desafios são bem maiores.

Para termos uma maior clareza de como se dá o ensino de pessoas com necessidades especiais, neste trabalho em especial, pessoas com surdez, foi realizada uma pesquisa de campo com professores e alunos da rede pública de ensino no nível médio.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual Cidadã Integral Técnica Jornalista José Itamar da Rocha Cândido situada no município de Cuité, no período de maio a julho de 2018. Para a coleta de dados foram aplicados questionários a professores (ANEXO A) e alunos (ANEXO B). Tal escola foi escolhida por ser uma instituição relativamente nova no município com uma proposta de ensino médio técnico integral, se diferenciando das escolas da rede estadual regular. Cada professor participante da entrevista assinou um termo de garantia (ANEXO C) que os dados seriam utilizados somente com fins de pesquisa bem como os estudantes (ANEXO D).

Optou-se pela aplicação dos questionários em uma turma em que um dos alunos tem deficiência auditiva, o que proporciona dados mais significativos quanto à convivência social no meio escolar.

Escolhemos aplicar questionários com perguntas abertas para que docentes e discentes pudessem expressar melhor sua opinião, não ficando presos às alternativas previamente estipuladas e possivelmente divergentes de suas opiniões pessoais. Em seguida analisaremos os dados fornecidos pelos professores e na sequência os dados fornecidos pelos estudantes.

3.2 RESULTADOS

Após todas as etapas decorridas, desde a formulação de hipóteses, até a colheita de informações e tratamento de dados, foi um longo caminho trilhado, mas que honrosamente sinto-me pronta a apresentar os dados obtidos de forma sintética e objetiva acerca do tema em questão, aqui trataremos dos resultados de nossa pesquisa e de acordo com os vários autores que embasaram nosso estudo mostraremos o quão proveitoso foi a realização deste estudo.

3.2.1 Análise dos Questionários dos Docentes

O roteiro de entrevista foi aplicado 10 professores (ANEXO A) consta de 14 questões, onde tentamos entender um pouco sobre seu conhecimento acerca da deficiência auditiva e educação inclusiva, buscando aspectos da prática docente aplicada à educação especial. Buscamos também entender como se dá o planejamento e formação profissional, bem como as consequências de ter um aluno surdo em sala de aula. Analisaremos aqui o grupo de respostas de cada uma delas.

Questão 1 - O que você compreende por surdez?

Tentamos analisar aqui o conhecimento docente acerca do conceito de surdez e conseqüentemente analisar a teoria comparando e observando o que foi visto na prática. As repostas foram enfáticas ao relacionar a surdez à ausência total ou parcial da audição, ou ainda argumentar como deficiência no aparelho auditivo. Segundo BARDIN:

Descrever a história da análise de conteúdo é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise de comunicações, é seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar a posteriori os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações

abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século (BARDIN, 2009, p. 15).

Questão 2 – Como se dá a inclusão do aluno surdo com os demais alunos?

Na escola há um professor intérprete de LIBRAS, o que facilita o entendimento. Neste ponto os professores, em maioria se resumiram a expor apenas que “existe um intérprete na escola”. Um dos entrevistados pontuou que “é necessária a inclusão do mesmo nas atividades, fazendo com que interaja com os colegas”. Um outro, destacou o respeito mútuo como base da convivência.

Questão 3 – O que você sentiu quando soube que alunos surdos em sua sala de aula?

Diante da perspectiva desafiadora, que é conviver com o diferente, os professores expressaram sua reação de modo muito particular, salientando reações de desafio, receio, novas experiências, felicidade e privilégio, surpresa, medo e preocupação. Deste modo podemos inferir que cada um reagiu de acordo com suas próprias capacidades. Mesmo alguns não tendo formação específica para aulas com alunos especiais.

Segundo Gil (2007, p. 17), pesquisa é definida como o

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Questão 4 – Você sentiu dificuldades para ensinar a alunos surdos? Quais?

No ato docente, adequar o planejamento e a metodologia à prática é um desafio muito presente na vida profissional. Dos professores que ministram aulas para o aluno especial, novamente foi destaque a participação do intérprete de LIBRAS, que auxilia na comunicação, mediando o conteúdo. Um professor em especial destacou a mudança de postura para que o estudante pudesse fazer leitura labial, outro destacou dificuldade na fase de planejamento.

Para Fonseca (2002), *methodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

Questão 5 – Esses alunos têm algum acompanhamento em sala e fora de sala? Se sim, onde? E por quem?

Em resposta unânime, o intérprete de LIBRAS acompanha o aluno dentro da escola.

Questão 6 – Como você desenvolvia o conteúdo junto aos alunos surdos? Fale um pouco sobre seu planejamento, se contemplava essas adaptações e quais recursos e estratégias você utiliza para os alunos surdos?

Nas aulas desenvolvidas foram destacadas as adaptações do conteúdo para forma visual usando fotos e ilustrações. Também foi destacada a fala mais pausada durante as aulas para melhor leitura labial.

Questão 7 – Como você analisava o processo de avaliação e correção dos conteúdos para alunos surdos? Era igual ao realizado com os demais alunos? Ou era adaptado?

Neste ponto, mais uma vez, é notada a importância do profissional de LIBRAS, ele adapta, aplica (separadamente) e corrige as avaliações dando suporte ao professor.

Questão 8 – Como era a participação dos alunos surdos na sala de aula?

Foi observado que o intérprete media a participação na maioria das vezes, prendendo a atenção para si, em certos momentos dificultando a interação com o professor. Em outros momentos os colegas ajudam na comunicação.

Questão 9 – Como se dá sua interação com os alunos surdos?

Na ausência do intérprete, os professores destacam a interação por meio de mímicas, gestos, ilustrações, e até mesmo por mensagens de celular, mostrando desenvolvimento satisfatório na língua escrita.

Questão 10 – Você sentiu dificuldades para desenvolver o processo de inclusão de alunos surdos em sua sala de aula? Quais?

Apesar do desafio proposto inicialmente, e das dificuldades pessoais, o processo de inclusão se dá de forma espontânea com a participação do intérprete. Salienta-se mais uma vez que as respostas de cada alternativa dos questionários dialogam com diversos autores para endossar e enriquecer o conteúdo.

Questão 11 – Você recebeu orientações para desenvolver a inclusão de alunos surdos? Como foram essas orientações? Em que momentos ocorriam?

Para uma prática adequada, a orientação e formação do profissional são indispensáveis. Dos professores entrevistados, três destacaram que não tiveram orientação alguma. Outros três destacaram a orientação do intérprete e do coordenador pedagógico. Os restantes se abstiveram da resposta.

Questão 12 – Você identifica consequências positivas para o seu desenvolvimento profissional decorrentes da inclusão de alunos surdos?

As novas experiências sempre são carregadas de novos aprendizados, na sala de aula ocorre o mesmo. Em suma foram citados como consequências para o desenvolvimento profissional o aprendizado de LIBRAS para ser usado em situações futuras e o aperfeiçoamento pessoal, como característica da nova experiência.

Questão 13 – O que você acha que falta na escola com relação a recursos que possam ser usados para alunos surdos?

Além da formação, as condições de trabalho são indispensáveis para um bom rendimento do profissional. Na escola, os recursos ausentes destacados foram: formação continuada, Datashow (para aulas que explorem a parte visual), jogos, cartazes e laboratórios.

Questão 14 – Como você avalia a experiência de inclusão de alunos surdos na escola?

A necessidade de inclusão é uma vertente social. No ambiente escolar, pudemos notar que essa inclusão traz bons resultados tanto para professores quanto para alunos. A inclusão permite a diversidade de línguas a ser usada e aumento do conhecimento acerca do outro.

Vemos que segundo Bardin (2011),

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

E de acordo com a entrevista concedida pelos docentes, pode-se observar que a participação de um profissional intérprete de LIBRAS presente é indispensável. É visto que

mesmo diante das dificuldades iniciais o processo de ensino-aprendizagem é facilitado quando há a parceria e engajamento com o diferente. A formação profissional adequada se torna um fator notável na educação especial inclusiva.

Vale salientar que a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa *ex-post-facto*, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.) (FONSECA, 2002).

5.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS

Foram entrevistados 30 alunos de uma sala, contendo um aluno surdo. No roteiro de entrevista dos alunos (ANEXO B) foram utilizadas 10 questões. Aqui buscamos entender como se dá o convívio entre colegas no meio escolar, dando destaque à comunicação, interação, desempenho nas em grupos e o aprendizado de modo geral. As respostas serão analisadas na sequência.

Questão 1 – Você tem contato com algum colega surdo?

Dado que há um estudante surdo na sala de aula onde a entrevista foi realizada, sempre há algum contato entre todos, mesmo que mínimo.

Questão 2 – Você conversa habitualmente com seu colega? Se sim, utiliza auxílio do intérprete ou consegue se comunicar com ele?

A convivência social implica em comunicação, dado que é preciso de algum modo expressar necessidades. Na comunicação entre os colegas, apenas dois entrevistados afirmaram não conversar com o colega surdo, os demais fazem uso da LIBRAS, redes sociais, e por vezes contam com o auxílio do intérprete. Tudo isso claramente é uma busca por esse novo conhecimento.

De acordo com Fonseca (2002, p. 10),

(...) o homem é, por natureza, um animal curioso. Desde que nasce interage com a natureza e os objetos à sua volta, interpretando o universo a partir das referências sociais e culturais do meio em que vive. Apropria-se do conhecimento através das sensações, que os seres e os fenômenos lhe transmitem. A partir dessas sensações elabora re-presentações. Contudo essas representações, não constituem o objeto real. O objeto real existe independentemente de o homem o conhecer ou não. O conhecimento humano é na sua

essência um esforço para resolver contradições, entre as representações do objeto e a realidade do mesmo. Assim, o conhecimento, dependendo da forma pela qual se chega a essa representação, pode ser classificado de popular (senso comum), teológico, mítico, filosófico e científico.

Questão 3 – Com quem ele(a) faz atividades em grupo? Há uma diversidade de colegas que fazem trabalhos com ele(a), ou são sempre os mesmos?

A prática do trabalho em grupo estimula a interação do aluno com os demais colegas, propiciando a partilha de ideias para superar determinado problema ou desafio ou executar uma atividade proposta. Quando solicitado trabalho em grupo, os colegas apontam que o estudante em questão, normalmente interage com aqueles com quem tem maior convívio ou que mantém vínculos de amizades, se sentindo melhor onde há maior facilidade de comunicação.

Questão 4 – Como se dá a apresentação de trabalhos? Ele(a) efetivamente apresenta?

Para apresentações de trabalhos, os colegas apontam que “não é de costume”, quando acontece conta com a ajuda do intérprete, usando imagens, com participação menos efetiva. Um aluno destaca: “acho que ela não gosta de apresentação”, outro diz “tem vergonha”. Dada a condição de (único aluno) surdo na sala de aula, é um grande desafio apresentar um trabalho para os que estão acostumados com apresentações que prezam a audição. Invertendo a situação, seria igualmente difícil um estudante qualquer apresentar um trabalho para uma turma de surdos.

Questão 5 – Você acredita que um colega surdo pode atrapalhar o andamento ou rendimento da aula? Justifique.

Quando indagados sobre a presença do colega surdo nas aulas, afirmam que o intérprete ajuda repassando em mais detalhes os conteúdos. “Não prejudica e nem é prejudicada”, “é um aluno normal, como os outros”. Vemos aqui o respeito mútuo entre os estudantes. A deficiência não é vista como empecilho para o andamento das atividades da aula, isso é o ponto bastante positivo, pois nota-se que esses educando conhecem as ideias de respeito as diferenças.

Tartuce (2006, p. 5) convida-nos a refletir sobre o conceito de conhecimento:

Assim, o conhecimento pode ser definido como sendo a manifestação da consciência de conhecer. Ao viver, o ser humano tem experiências progressivas, da dor e do prazer, da fome e

saciedade, do quente e do frio, entre muitas outras. É o conhecimento que se dá pela vivência circunstancial e estrutural das propriedades necessárias à adaptação, interpretação e assimilação do meio interior e exterior do ser.

Questão 6 – Você acredita que a presença do intérprete junto ao colega surdo pode influenciar o aprendizado dos demais? Se sim, de que outra forma isso poderia acontecer?

A presença do intérprete é vista, pelos alunos, como alguém que está ali para se comunicar exclusivamente com o aluno especial, não atrapalha, “ajuda na comunicação”, destacam.

Questão 7 – De acordo com sua opinião os surdos têm o mesmo aprendizado dos demais colegas?

Avaliar o modo de aprendizado de outro não é uma capacidade totalmente desenvolvida nos estudantes (ainda), pois é uma competência que cabe ao professor. Possivelmente por isto há divergências entre as respostas. Alguns afirmam que há diferenças no aprendizado devido às formas de comunicação serem diferentes, outros afirmam que não, apenas “pode ser um pouco mais difícil para eles”. Pode-se perceber que o modo de aprendizado percebido varia de acordo com a proximidade de cada aluno ao colega surdo.

Questão 8 – Você conhece a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)? Tem interesse em aprender?

A formação específica para atuação com estudantes que têm necessidades especiais, por vezes exigida na formação docente, também se faz necessária aos estudantes. Quando questionados sobre o conhecimento da LIBRAS, é destacado que “aprendemos um pouco, tivemos aula no começo do ano”. Embora alguns não tenham interesse em um conhecimento mais profundo desta linguagem, seu uso é indispensável para comunicação entre os colegas, fato este evidenciado pela presença constante do intérprete.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa foram inúmeras as dificuldades enfrentadas, mas com fé e força de vontade tudo se torna possível e, deste modo finalizo-a apontando aqui todas as minhas conclusões e percepções acerca da educação inclusiva no tocante dos deficientes auditivos. Vimos que ao longo da história as dificuldades e atrocidades enfrentadas por esses indivíduos foram as mais diversificadas possíveis, partindo da eliminação do plano material como ocorria em Esparta, onde os deficientes eram atirados de precipícios para morrer, passando por torturas e mortes na idade média onde eram associados a bruxarias e coisas demoníacas, até chegarmos no mundo contemporâneo, no mundo globalizado que a cada dia que passa busca de forma concreta e objetiva incluir os surdos e os demais deficientes na escola regular e na sociedade como um todo, vendo-os agora não mais como anormais e sim como seres pensantes capazes de agir, interagir e contribuir para a existência de uma sociedade digna para todos.

Tendo em vista os desafios presentes a todo o momento, a comunidade surda enfrenta, onde quer que seja, algum tipo de desafio para se comunicar, expressar suas opiniões, dialogar, enfim, ser cidadão em pleno direito e dever. No ambiente escolar a situação é a mesma, sendo amenizada quando há a presença de um intérprete, o se se mostra raro.

Dialogar, tentar compreender, informar-se e fundamentalmente respeitar o próximo dentro de suas limitações é fundamental para que haja uma conduta decente entre ouvintes e surdos. Nesta perspectiva investigar o comportamento e relações interpessoais de convivência no ambiente escolar onde um estudante surdo está inserido na rede regular de ensino e observar os desafios, práticas do corpo docente e discente foi nosso objetivo.

Com os dados da pesquisa empírica pudemos observar que os professores, embora se sentissem inicialmente desafiados ou até mesmo assustados com a ideia inicial de lecionar para um surdo, pois não havia formação prévia (esta veio para alguns durante o ano letivo), com o passar do tempo e o acompanhamento do profissional em LIBRAS conseguiram exercer suas atividades de modo satisfatório, ensinando e ao mesmo tempo aprendendo a lidar com a nova realidade proposta.

Adaptar sua prática de acordo com a realidade observada foi um dos pontos marcantes na prática docente. Houve a preocupação de adaptar as aulas desde a fase de planejamento, passando pela aula em si, até a avaliação, esta que é adaptada e aplicada pelo intérprete.

Os colegas de classe se mostraram mais receptivos inicialmente, talvez pelo fato que a parcela de ouvintes é superior na sala de aula, porém quando indagados se o aprendizado da pessoa surda e dos demais se dá de forma igualitária ficaram divididos em suas respostas, talvez por que avaliar tal proposição não seja uma capacidade totalmente desenvolvida em sua idade e formação.

O convívio do aluno surdo se dá em maior parte em seu grupo de amigos pessoais, os quais sempre fazem os trabalhos em grupo e mantém conversação mais ampla, entretanto em alguns momentos interagindo com demais colegas. Quando solicitadas apresentações de trabalhos é relatado que o estudante surdo se mostra menos à vontade, fato este devido à comunicação acontecer em outra língua para seu público. Outro fator importante é a comunicação, por vezes feita através de mensagens em aplicativos de redes sociais, mostrando a importância fundamental da língua escrita e ao mesmo tempo reafirmando que a capacidade de aprendizado da pessoa surda não difere em nada de uma pessoa ouvinte.

Ao final nota-se que a presença de um profissional intérprete no ambiente escolar é de suma importância, pois facilita em todos os pontos a convivência e execução de atividades diárias que sem sua presença se tornariam difíceis.

REFERENCIAL

- BAPTISTA, Cláudio Roberto. **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BORTOLETO, R. H.; RODRIGUES, O. M. P. R.; PALAMIN, M. E. G. **A inclusão escolar enquanto prática na vida acadêmica de portadores de deficiência auditiva**. *Revista Espaço*. Rio de Janeiro, v. 18/19, p. 45-50, 2002/ 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- _____. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- CARVALHO, Vera Lucia arinzeck de. **O voo da gaivota**. Editora: Best Seller, 1996
- LOPES, Maura Corcini. **A natureza educável do surdo: a normalização surda no espaço da escola de surdos**. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Org.). **A invenção da surdez: cultura, alteridades, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 33-55.
- LOPES, Maura Corcini. **Surdez e Educação**. Coleção Temas & Educação. Autêntica. Belo Horizonte. 2007.
- Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília, 2001.
- PORTAL BRASIL. **Apesar dos avanços surdos ainda enfrentam barreiras de acessibilidade**. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/09/apesar-de-avancos-surdos-ainda-enfrentam-barreiras-de-acessibilidade>>
Acesso em: 21 set de 2018
- QUADROS, Ronice Müller; et al. **Exame Prolibras**. Florianópolis, 2009. p. 85.
- SKLIAR, C. A. **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda**. Editora da UFSC. Florianópolis. 2008.

THOMA, Adriana da Silva; HILLESHEIM, Betina. **Políticas de Inclusão – Gerenciando Riscos e Governando as Diferenças**. EDUNISC. Santa Cruz do Sul. 2011.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. _____. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GOMÉZ, C. Difíceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: GOLDEN-BERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. (Orgs.). O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p.117-42.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.

TARTUCE, T. J. A. Métodos de pesquisa. Fortaleza: UNICE – Ensino Superior, 2006. Apostila.

ANEXO A. ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES



Trabalho de conclusão de curso da aluna: Laise Raiana Lima Costa
Orientador: José Tiago Ferreira Belo

ROTEIRO DE ENTREVISTA A SER UTILIZADO NA PESQUISA INTITULADA: UMA PERCPÇÃO DA METODOLÓGIA DOS PROFESSORES SOBRE A INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB

Roteiro de entrevista com professor

1. O QUE VOCÊ COMPREENDE POR SURDEZ?

2. COMO SE DÁ A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO COM OS DEMAIS ALUNOS?

3. O QUE VOCÊ SENTIU QUANDO SOUBE QUE TERIA ALUNOS SURDOS EM SUA SALA DE AULA?

4. VOCÊ SENTIU DIFICULDADE PARA ENSINA A ALUNOS SURDOS? QUAIS?

5. ESSES ALUNOS TEM ALGUM ACOMPANHAMENTO EM SALA E FORA DE SALA? SE SIM ONDE? E POR QUEM? -----

6. COMO VOCÊ DESENVOLVIA OS CONTEÚDOS JUNTO AOS ALUNOS SURDOS? FALE UM POUCO SOBRE SEU PLANEJAMENTO CONTEMPLAVA ESSA ADAPTAÇÕES E QUAIS RECURSOS E ESTRATÉGICAS VOCÊ UTILIZA PARA OS ALUNOS SURDOS?

7. COMO VOCÊ ORGANIZAVA O PROCESSO DE AVALIAÇÃO E CORREÇÃO DOS CONTEÚDOS PARA OS ALUNOS SURDOS? ERA IGUAL AO REALIZADO COM OS DEMAIS ALUNOS? OU ERA ADAPTADO?

8. COMO ERA A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS SURDOS NA SALA DE AULA?

9. COMO SE DÁ A SUA INTERAÇÃO COM OS ALUNOS SURDOS?

10. VOCÊ SENTIU DIFICULDADES PARA DESENVOLVER O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM SUA SALA DE AULA? QUAIS?

11. VOCÊ RECEBEU ORIENTAÇÕES PARA PROMOVER A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS? COMO FORAM ESSAS ORIENTAÇÕES? EM QUE MOMENTOS OCORRIAM?

12. VOCÊ IDENTIFICA CONSEQUÊNCIAS POSITIVAS PARA O SEU DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DECORRENTES DA EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS? -----

- 13. O QUE VOCÊ ACHA QUE FALTA NA ESCOLA COM RELAÇÃO A RECURSOS QUE POSSAM SER USADOS PARA ALUNOS SURDOS?**

- 14. COMO VOCÊ AVALIA A EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NA ESCOLA?**

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS ALUNOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE BIOLOGIA E QUÍMICA

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ALUNOS

1. VOCÊ TEM CONTATO COM ALGUM COLEGA SURDA?

2. VOCÊ CONVERSA HABITUALMENTE COM SEU COLEGA, SE SIM, UTILIZA AUXÍLIO DE INTÉRPRETE OU CONSEGUE SE COMUNICAR COM ELE?

3. COM QUEM ELE(A) FAZ AS ATIVIDADES EM GRUPO? HÁ UMA DIVERSIDADE DE COLEGAS QUE FAZEM TRABALHOS COM ELE(A), OU SÃO SEMPRE OS MESMOS?

4. COMO SE DÁ AS APRESENTAÇÕES DE TRABALHOS? ELE(A) EFETIVAMENTE APRESENTA?

5. VOCÊ ACREDITA QUE UM COLEGA SURDO PODE ATRAPALHAR O ANDAMENTO OU RENDIMENTO DA AULA? JUSTIFIQUE.

6. VOCÊ ACREDITA QUE A PRESENÇA DO INTÉRPRETE JUNTO AOS COLEGAS SURDO PODE INFLUENCIAR O APRENDIZADO DOS DEMAIS? SE SIM, DE QUE FORMA ISSO PODERIA ACONTECER?

7. DE ACORDO COM SUA OPINIÃO, OS SURDOS TEM O MESMO APRENDIZADO DOS DEMAIS COLEGAS?

8. VOCÊ CONHECE A LIBRAS (LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS)? TEM INTERESSE DE APRENDER?

9. ALÉM DA LIBRAS EXISTE OUTRA FORMA DE SE COMUNICAR COM O COLEGA SURDO?

10. TERIA ALGUMA SUGESTÃO OU ALGUMA MUDANÇA QUE GOSTARIA DE FAZER A RESPEITO DA INCLUSÃO DO COLEGA SURDO NA SALA?

ANEXO C– TERMO DE COMPROMISSO PARA PROFESSORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE BIOLOGIA E QUÍMICA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Questionário Discentes

Caro Aluno,

O presente questionário, “**Uma percepção metodológica dos professores sobre a inclusão de alunos surdos em uma escola no município de Cuité-PB**” tem por objetivo, analisar a visão dos educandos em relação ao convívio com alunos surdo, na Escola Estadual Cidadã Integral Técnica Jornalista José Itamar da Costa Cândido. As respostas serão utilizadas exclusivamente para produção de conhecimento científico. A identificação será mantida sob sigilo, de forma a não expor a identidade do questionado.

Agradecemos a sua contribuição.

Escola: _____ Data: /_ / __

Participante: _____

ANEXO D – TERMO DE COMPROMISSO ESTUDANTES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE BIOLOGIA E QUÍMICA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Questionário Discentes

Caro Aluno,

O presente questionário, **“Uma percepção metodológica dos professores sobre a inclusão de alunos surdos em uma escola no município de Cuité-PB”** tem por objetivo, analisar a visão dos educandos em relação ao convívio com alunos surdo, na Escola Estadual Cidadã Integral Técnica Jornalista José Itamar da Costa Cândido. As respostas serão utilizadas exclusivamente para produção de conhecimento científico. A identificação será mantida sob sigilo, de forma a não expor a identidade do questionado.

Agradecemos a sua contribuição.

Escola: _____ Data: / / ____

Participante: _____